

TURISMO

As ruínas históricas das missões jesuíticas

Por Maria E. Alencar, da Ecab
Fotos de Guilherme Muller

Concebidas para assegurar a posse territorial espanhola na região e destruídas para consolidar a portuguesa, as missões jesuíticas foram palco de uma das mais incríveis organizações comunitárias existentes. No Paraguai, na Argentina ou no Brasil, vale a pena conhecer os vestígios das missões.

AS RUÍNAS HISTÓRICAS DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS

Já é quase noite e não vemos ninguém perto das ruínas jesuíticas de Trinidad no Paraguai. Parece longe o som do parque de diversões que está repleto neste domingo. O céu é multicolorido e não se distinguem as construções de pedras delineadas sobre o verde e decoradas com limo. De repente, a chegada dos últimos turistas quebra o clima melancólico e os pássaros se revoluzionam, talvez cumprimentando os visitantes.

As inscrições amorosas sobre as pedras contrastam bastante com as referências históricas deste local, palco de uma incrível organização comunal, onde de certa forma valorizou-se a cultura indígena. Talvez a síntese seja pouco eloquente mas oportuna: "As missões jesuíticas foram concebidas para assegurar a posse territorial espanhola na região e destruídas para consolidar a presença portuguesa". Quem pagou o pato foi naturalmente o índio.

A 46 quilômetros de Posadas — capital da província argentina Misiones (no Nordeste) se encontra outra ruína jesuítica, a conhecida San Ignacio Mini, iniciada em 1632 pelo Padre Angel Camilo Peragrasa. As flechas que indicam o caminho ao visitante as

tos de Guayrá" ou Guaira para os portugueses.

AS RAZÕES DE HERNANDÁRIAS

Como o governador do Paraguai, Hernando Arias Saavedra, encontrara forte resistência dos índios à penetração de seus homens — eram atacados e os já dominados fugiam em frequentes levantes — sugeriu ao governador espanhol que confiasse a pacificação e conversão dos indígenas da região de Guayra aos padres da Companhia de Jesus, o que foi imediatamente aceito.

Este fato foi pelo da introdução do sistema de "encomendas" (eufemismo histórico de escravidão indígena). Poderíamos dizer que os dois acontecimentos marcam a passagem da fase de exploração para a da colonização.

OCUPAÇÃO ESPANHOLA

Os "asentamientos" (assentamentos) foram o primeiro passo para a chegada dos jesuítas. Em 1554, foi fundada a cidade de Ontiveros na margem do Rio Paraná, abaixo dos "Saltos de Guayrá" ou Sete Quedas no Brasil. O capitão Ruiz Diaz Melgarejo passa o Rio Piquiri fundando a Cidade Real de Guayrá. O mesmo capitão em 1579 fundou nas margens do rio Ivaí, a Vila Rica do Espírito Santo. Estes povoados foram de vital importância estratégica para a expansão espanhola até o Atlântico. Ter rápida passagem e porto seguro no Atlântico para Assunção levou o governador Irala a incentivar esta ocupação.

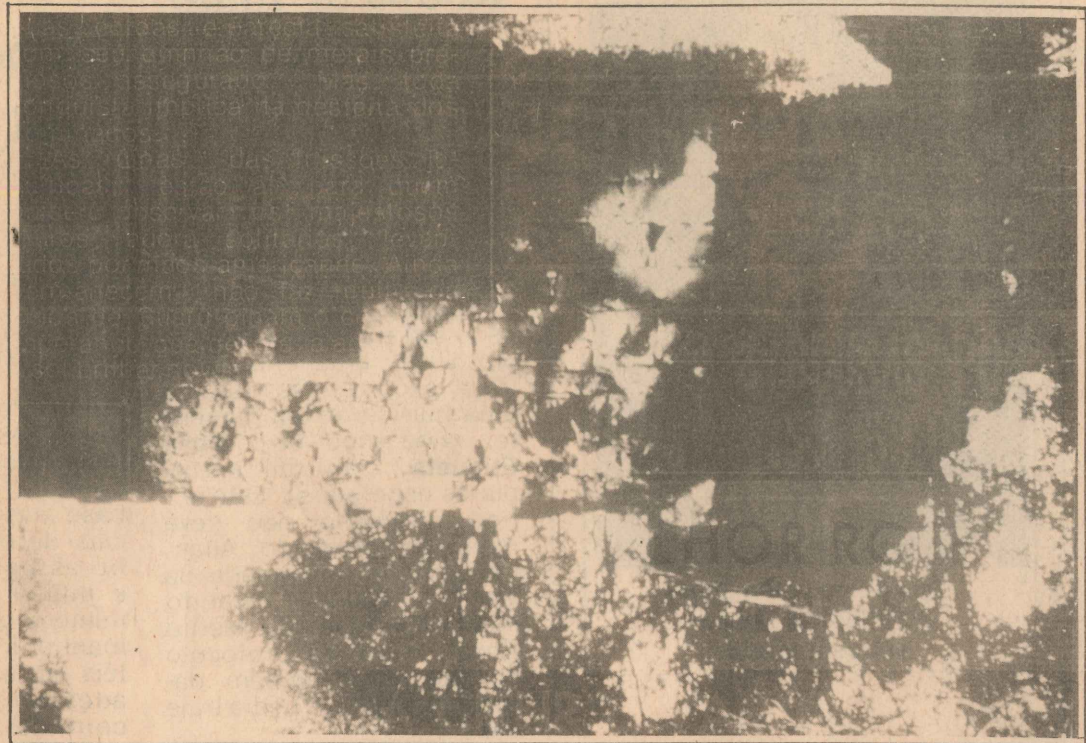
OBJETIVOS PORTUGUESES

A fama das minas de Potosí, a prata, o ouro andino eram um jantar que os portugueses queriam para si. A porta de entrada era

A partir da Real Cédula de março de 1600, se determinaram três zonas para iniciar as missões. Esses três pontos geograficamente compreendem as seguintes regiões: **Guayrá** — grande zona do atual Estado brasileiro de Paraná; a oeste delimitado pelo rio Paraná ou Y-Guaçu; ao sul pelo Y-Guaçu e ao leste pelas serras próximas às costas atlânticas. **Paraná** — corresponde ao atual Estado do Rio Grande do Sul, a atual província argentina de Misiones e parte da província Corrientes, também argentina. **Guaycurús** ou Itatin — região correspondente às terras entre o Alto do Rio Paraguai e as serras ao norte da cidade paraguiaia de Concepcion. As fundações foram iniciadas em Assunção em 1609, época em que se estabelece a primeira missão paraguiaia (San Ignacio Guazu).

Graças aos bandeirantes, milhares de índios foram capturados. Os ataques escravistas foram destruindo aqueles povoados inermes de tal maneira que, das 13 reduções jesuíticas do Guayrá, sobraram apenas duas em mísero estado. Isto obrigou a um êxodo geral e em 1631 doze mil índios dirigidos por uns poucos padres fugiram em caravana, navegando o Paraná, águas abaixo. Em junho de 1632, fundaram novamente San Ignacio Mini, no lugar onde atualmente se encontram as ruínas do território argentino.

Em síntese: massacrados pelos escravistas portugueses, os povoados — com o objetivo de facilitar sua defesa — desconcentraram-se no período entre 1631-1638. Os habitantes do Guayrá desceram o rio Paraná e se estabeleceram no território da atual província de Misiones na Argentina. Os de Itatin (ou Guaycurús) fixaram-se nos atuais municípios de Itapúa e Misiones (Paraguai) entre os rios Paraná e Tebicuary. Os que permaneceram em



As invasões paulistas (bandeirantes) terminaram após a batalha de Mbororé, finalizada em 1541 no Alto Uruguai, águas acima de São Xavier. Os índios guaranis derrotaram os escravistas numa batalha violenta.

No que é atualmente território paraguiaio, houve oito missões de índios guaranis, todas elas no sudeste da República. Ao norte haviam outras três, integradas por índios Mbazas ou Guaycurués. As missões de guarani eram as de San Ignacio Guazu, Santa Maria de Fé, Santa Rosa, Santiago, San Cosme, Itapúa, Trinidad e Jesus.

Com os sucessivos ataques escravistas, as missões foram destruídas pouco a pouco. Mas, além do desaparecimento do que pretendia ser o "Reino Teocrático del Guayrá", é importante ressaltar o abandono e até combate que lhes apresentaram seus "aliados": os espanhóis. No entanto, ninguém perdeu (a não ser o índio).

Na história, as forças se transformam. Consolidado o vice-reinado do Rio da Prata, Buenos Aires começava uma excelente fase comercial. Os lusitanos, por sua parte, encontraram muita terra fértil e ouro pelo Brasil. A Igreja renovou seus vínculos com as duas coroas e parecia satisfeita com seu quinhão de metais preciosos assegurado. Mas, toda conquista implica na desfeita dos dominados.

As ruínas das missões jesuíticas estão aí, para quem quiser observar os majestosos muros, agora solitários, levantados por mãos americanas. Ainda permanecem... não faz muito os olhos de Guatu olham o céu azul,



As inscrições amorosas sobre as pedras contrastam bastante com as referências históricas deste local, palco de uma incrível organização comunal, onde de certa forma valorizou-se a cultura indígena. Talvez a síntese seja pouco eloquente mas oportuna: "As missões jesuíticas foram concebidas para assegurar a posse territorial espanhola na região e destruídas para consolidar a presença portuguesa". Quem pagou o pato foi naturalmente o índio.

A 46 quilômetros de Posadas — capital da província argentina Misiones (no Nordeste) se encontra outra ruína jesuítica, a conhecida San Ignacio Mini, iniciada em 1632 pelo Padre Angel Camilo Peragrasa. As flechas que indicam o caminho ao visitante, as agressivas grades colocadas recentemente em volta da antiga Praça de Armas, quebram a harmonia do conjunto. A verdadeira restauração é necessária, mas neste caso faltou critério ao adaptar um legado cultural e histórico em atração turística. Nestas ruínas argentinas percebe-se a carência de tal critério. Críticas à margem, os bosques e a vegetação que cresce espontaneamente entre as pedras, fascinam a qualquer um.

No sul do Brasil, em Trinidad ou Jesus — ruínas paraguaias — ou em Misiones, na Argentina, o que importa é ultrapassar o contato sensorial para chegarmos até a intimidade mesmo do significado que tiveram e do que representam hoje as famosas ruínas jesuíticas edificadas no século XVII e XVIII.

IGREJA, ÁRBITRO DAS DISCUSSÕES

Para ter uma visão ampla do significado histórico das missões jesuíticas, é necessário voltarmos ao século XVI. Os conflitos criados pela possessão do Novo Mundo levou aos litigantes da coroa espanhola e portuguesa a procurar um fim para tal disputa. Aí é que entra em cena a Igreja Católica, como árbitro e juiz das discussões.

Transladado ao território americano, os contínuos choques entre portugueses e espanhóis tiveram sempre como testemunhas — e protagonistas às vezes — as distintas missões jesuíticas. Mas sempre a vítima, como acontece em qualquer conquista, é o nativo.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534, por Inácio de Loyola e aprovada em 1540 pelo papa Paulo IV. O padre Manuel da Nóbrega foi o primeiro jesuíta a chegar ao Novo Mundo, em 1549, época em que formou a Província Jesuítica do Brasil. Posteriormente, em 1553, chegou o padre José Anchieta, fundador da redução de São Paulo.

O Tratado de Tordesilhas que delimitava a área correspondente a cada coroa (Espanha e Portugal) teve frequentemente um ponto de fricção na zona denominada "Sal-

misero estado. Isto obrigou a um êxodo geral e em 1631 doze mil índios dirigidos por uns poucos padres fugiram em caravana, navegando o Paraná, águas abaixo. Em junho de 1632, fundaram novamente San Ignacio Mini, no lugar onde atualmente se encontram as ruínas do território argentino.

Em síntese: massacrados pelos escravistas portugueses, os povoados — com o objetivo de facilitar sua defesa — desconcentraram-se no período entre 1631-1638. Os habitantes do Guayrá desceram o rio Paraná e se estabeleceram no território da atual província de Misiones na Argentina. Os de Itatin (ou Guaycurús) fixaram-se nos atuais municípios de Itapua e Misiones (Paraguai) entre os rios Paraná e Tebicuary. Os que integravam o Paraná-Tape foram para a costa do Rio Uruguai.

OBJETIVOS PORTUGUESES

A fama das minas de Potosi, a prata, o ouro andino eram um jantar que os portugueses queriam para si. A porta de entrada era Guayrá. O método: as incursões de Bandeirantes (tropas paulistas incentivadas pela coroa portuguesa). Também instigando aos espanhóis, detinham seu avanço em direção ao leste. O Tratado de Tordesilhas era letra morta. A guerra era de destruição mútua.

Nativo e dono destas terras, o índio foi despojado por uns e por outros. A terra, rica, riquíssima, era um imã, para os europeus, o custo nativo não importou. Mas sacrificar o índio foi uma empresa levada a cabo pela conquista. Vencido e escravizado, o natural destas terras, era vendido nos mercados da metrópole que surgiam como bastiões expoliativos da riqueza do Novo Mundo. Pode dizer-se que o ocidente, sua civilização, sua cultura e religião aniquilaram os indígenas. Somente em Guayrá (nome de origem indígena, por sinal) 200 mil índios foram expulsos, reduzidos, mortos ou escravizados.

A PEDAGOGIA MISSIONEIRA

As missões eram dirigidas por um "missioneiro" que os índios chamavam de "padre-tuya" (padre velho) que por sua vez tinha como assistente o "padre mirim" (padre novo). É evidente que os jesuítas deslumbraram os historiadores e os próprios índios pelos seus métodos de ensino. Fica claro que estes mesmos jesuítas tinham bem planejado seus objetivos de conversão massiva dos índios, por isso ressaltaram tanto o manejo que obtiveram sobre o índio. A pedagogia missioneira se baseava em respeitar a hierarquia tribal, não quebrando os níveis, nem a estrutura interna das famílias, o que permitiu a grande receptividade dos índios.

As missões funcionavam de maneira comunal, o trabalho individual aportava nos depósitos públicos. Cada família tinha sua casa própria, mas também havia a propriedade coletiva chamada de "Tupa-mbe", propriedade de Deus. Dos depósitos comuns retirava-se o necessário para a prática da religião e para os impostos pagos à coroa espanhola.

lhes apresentaram seus "aliados": os espanhóis. No entanto, ninguém perdeu (a não ser o índio).

Na história, as forças se transformam. Consolidado o vice-reinado do Rio da Prata, Buenos Aires começava uma excelente fase comercial. Os lusitanos, por sua parte, encontraram muita terra fértil e ouro pelo Brasil. A Igreja renovou seus vínculos com as duas coroas e parecia satisfeita com seu quinhão de metais preciosos assegurado. Mas, toda conquista implica na desfeita dos dominados.

As ruínas das missões jesuíticas estão aí, para quem quiser observar os majestosos muros, agora solitários, levantados por mãos americanas. Ainda permanecem... não faz muito os olhos de Guatu olham o céu azul, esperando que desate a água para o sol brilhar novamente.



Emb. Transp. Turística 007.001.02000/ES.

Planeje suas férias, depois, venha falar conosco. As melhores opções de ônibus para turismo estão aqui. Venha viver. O mundo é seu.

Águia Branca
Tranquilidade sobre rodas.
INFORMAÇÕES: TEL. 226-3811